3 1761 07045854 2
MENTEL
O
VINHO
PQ
9261
P46V52

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ovinhopi00pime

Não póde o operario das lettras, quando empunha a penna, deixar de pôr a mira n'algum fito prestadio...

MENDES LEAL.—*Os Bandeirantes.*

EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

O VINHO

POR

ALBERTO PIMENTEL

LISBOA
OFFICINA TYPOGRAPHICA DE J. A. DE MATTOS
36—Rua Nova do Almada—36

PQ
9261
P96V52

De quantos vicios pervertem a sociedade moderna, é o vinho o maior. D'elle descendem todos os outros, como de Cam a raça amaldiçoada. É o toxico de que procedem as febres sociaes: a do jogo, da luxuria, do roubo e a da navalha, — a terrivel febre da navalha, que está ensanguentando as officinas, as ruas e o lar. D'elle derivam as graves enfermidades moraes chamadas ociosidade, deshonra, preguiça e pobreza. O vinho deixou de ser o salutar estimulo do trabalho, a força, a saude e a alegria. Tornou-se veneno, corrompe, mata, aniquila. O serão da taberna começa pelo vinho e acaba pelo sangue, de modo que estes dois liquidos, tão similhantes na côr, estão sendo irmãos nas consequencias. A noite da crápula arma com a faca o braço do operario. Os filhos dormem em casa; a mãe espera impaciente e receiosa a chegada do marido. A luz, que allumia este quadro

de familia, volve-se, depois de certa hora, mortiça e crepitante, derramando por toda a casa um claro-escuro agoureiro e sinistro. Triste symbolo da felicidade d'aquella gente toda! Á mesma hora a honra do operario tremúla e empallidece como a luz que bruxolea em casa e como o braço com que embriagado maneja a navalha. Ha sempre nervosa incerteza nos primeiros golpes que se vibram, qualquer que seja o inimigo. Elle não sabia lidar com ferros que não fossem os utensilios do seu officio ou da sua arte. Mas todos os dias os jornaes lhe fallavam da navalha, dá navalha com que se estão saldando todas as dividas, vencendo todos os obstaculos, vingando todas as inimisades. Todas as festas populares, segundo a voz publica, acabam pela navalha, como o banquete acaba pelo *dessert*. Isto dá a entender que ha na faca prazeres suavissimos, tentadores, mysteriosos. Parece fallar aos ouvidos com um toque sonoro, provocante, o que quer que seja de sereia. Depois da embriaguez do vinho, a embriaguez do sangue. Vejamos como se vae d'uma a outra. Dois ou tres operarios, tambem fascinados pelas seducções modernas da navalha, ou já porventura experientes nas devassidões da taberna, dão o primeiro impulso ao companheiro. Basta impellil-o: deslisou para a taberna. Estava como um homem á beira d'um abysmo, namorado do sombrio mysterio da voragem. Sentiu tocar-lhe

um braço: despenhou-se. Queria desculpar-se a si mesmo; achou a desculpa no braço alheio. A fraqueza de espirito é a meninice eterna. Pois os fracos de espirito são como as creanças: desculpam-se uns com outros. Foram em bando para a taberna. A companhia dá coragem: o duellista treme diante de outro homem; o soldado não trepida diante d'um exercito. Perigosa fascinação é a de tudo o que se nos mostra pela primeira vez. O operario começou a beber na taberna á hora que costumava entrar em casa. Á medida que bebia sentia-se confortado, alegre, outro homem, forte depois do trabalho, desoppresso, livre, independente. Em casa as creanças lembravam-lhe o dever: alli tudo lhe havia esquecido; — o desgraçado até de si proprio se esquecera! Luzes, fumo, risadas, borborinho, estrallejar de phosphoros, vozes de mulheres, a cadencia d'uma guitarra, os reflexos prismaticos das garrafas, o ardor da discussão, replica contra replica, insulto contra insulto, ameaça contra ameaça, os grupos a crescerem em derredor da mesa, os ápartes, os conselhos, os incentivos dos espectadores, braços esgrimindo no ar, ondas de fumo a desennovellarem-se sobre todas aquellas cabeças frementes, rugidos, pragas, maldições, depois o jorrar do vagalhão humano pela estreita porta da taberna e, ao cobril-os a todos a escuridade dos primeiros passos, um movimento rapido e vivo, um golpe,

um grito, um ai, logo o sibillar agudo dos apitos e por ultimo a policia, a prisão, a realidade, a perdição do corpo e da alma...

Por ventura a essa hora a luz crepitante da casa silenciosa apagar-se-ia de subito, apoz rapida crepitação.

E as trevas innundariam sinistramente o recinto onde os filhos dormiam e a mãe velava.

E a pobre mulher estremeceu de repente, como se aquellas trevas pavorosas lhe invadissem a alma.

Ha talvez longos annos que o desgraçado operario, qualquer que elle seja, constituira familia; ha talvez longos annos que nem uma só noite a sua cabeça deixou de pousar descançada no travesseiro que elle tanta vez consultára, porque realmente a gente parece escutar o que aquelle bom amigo nocturno está respondendo ás palpitações do nosso coração...

A pobre mulher anciosa, angustiada, afflictissima, vê já entreluzir pela janella os primeiros alvores da manhã. Tudo tão placido no céo e na terra, e o marido sem chegar, e aquellas creanças a dormirem tranquillamente, e ella sósinha, perdida em mil pensamentos, salteada de mil receios, accomettida de mil duvidas, sósinha, — o estar só pela primeira vez! — uma noite toda, no meio do silencio e da solidão, a ouvir a voz mysteriosa do presentimento, do anjo da guarda, talvez!

Pela primeira vez ficou o leito vazio, pela primeira vez a pobre mulher se esqueceu de rezar á Virgem que lhe protegia o somno, porque para ella não houve a consolação do repouso n'essa noite, a dulcissima consolação do adormecer ciciando uma prece.

Ah! «Não ha Deus» diz o barro feito homem. Para que estás tu ahi a murmurar orações a quem nunca existiu, a quem te não póde ouvir nem responder? Então d'onde vem esta serenidade immensa com que eu adormeço resando, eu que vou entrar na morte por algumas horas, que posso não acordar mais, que interrompi n'esse dia negocios gravissimos, dos quaes depende talvez a minha felicidade e a dos meus filhos, e que adormeço sem receio, sem duvidas, sem pavor? «Não ha Deus!» Então esse pobre operario desamparou hoje os seus filhos, bebeu na taberna o unico dinheiro que tinha, está no carcere, a esta hora, já tornado á triste realidade da sua grande desgraça, degradou em si mesmo a sua familia, não tem agora os amigos que tinha hontem, a sociedade que remunerava o seu trabalho não o encontra na officina, não o vê, não o procura, e as creancinhas não morrem á fome, e a mãe não succumbe alli mesmo, ao pé dos filhos, no momento em que uma visinha lhe vem fallar de vinho, de navalha, de cadeia, de mil coisas horriveis e novas!

Então não ha Deus, porque se o houvesse deveria attender ás orações da pobre mulher, e embargar o passo do operario que entrava na taberna?

Ah! que vós interpretaes impiamente o *Deus está em toda a parte!* Quereis Deus na taberna, no lupanar, na perdição. Quereis Deus onde um rei da terra se julgaria aviltado se entrasse: onde ninguem o invoca, onde ninguem levanta o seu pensamento ao céo, porque isso é o que quer dizer esta phrase que vós motejaes: *Ubiquidade de Deus.* Chamae, sereis ouvidos; pedi, dar-se-vos-ha. Não! Deus está onde a alma lhe ergue altar, onde ha pureza em que seja recebido, vozes que o chamem, lagrimas que lhe suppliquem. Deus está ao pé d'aquella mulher que soffre, á hora em que o operario jaz no carcere, começando a sentir á luz do sol os horrores que ella curtiu durante a noite.

Então o teu vinho, ó operario, a tua alegria, a tua força, a tua independencia?

O teu vinho converteu-se em sangue; a tua honra ficou na taberna. Tu és um desgraçado, operario!

No dia 19 julho de 1853 deu entrada na cadea do Limoeiro o réo Antonio Narciso, o Cabreiro, natural de Setubal, de quarenta e sete annos de idade, casado, marceneiro, condemnado na comarca de Alcacer do Sal em tres annos de prisão pelo crime de ferimentos.

O preso chegara doente, e fôra logo recolhido á enfermaria de Santo Antonio, que occupa uma das casas do segundo pavimento d'aquella parte do edificio que se chama *cadeia nova*. Desde Setubal que se queixava d'uma dôr violenta no coração, de fraquesa de pernas, e vertigens. Atraz da escolta, que se compunha d'um cabo, dois soldados e do official de diligencias, seguia a mulher do Cabreiro, de capote e lenço, com uma trouxinha sobraçada, e a filha, uma rapariga de cerca de vinte annos, tambem de capote e lenço, com outra trouxinha sobraçada. Esta era a familia e a bagagem do preso,

porque a mãe, de perto de oitenta e dois annos de idade, já não podia contar-se senão para soffrer. Para tudo o mais estava moribunda, semi-morta de doença e velhice.

A mulher e a filha do preso, que tinham residencia em Setubal, transferiram-se, depois da prisão do marido e do pae, para Alcacer do Sal. A velhinha não quiz sahir da sua terra natal; não quiz ou não pôde. De vez em quando vinham uma e outra a Setubal vender a renda que tinham feito, e cujo producto as alimentava, e suppria algumas necessidades do preso: ao mesmo passo demoravam-se com a velhinha dois ou tres dias, e voltavam para junto do carcere do pae e do marido. Esperou o processo pelas audiencias geraes e foi, finalmente, submettido o réo a julgamento. O jury deu o crime por provado, e o Cabreiro teve sentença de tres annos de prisão. O delegado promoveu a remoção do preso, cuja familia o devia acompanhar na viagem para Setubal depois de haver ultimado em Alcacer negocios indispensaveis a quem vae mudar de residencia por mais longo tempo, e por mais pobre que seja. A velhinha, que não quizera transferir-se para Alcacer, estava com maior rasão impossibilitada de transferir-se para Lisboa. E, dado que a edade e o coração lh'o consentissem, como havia ella de arrancar-se á lobrega sobreloja da praça de S. Bernardo, onde a caridade a abrigava

e soccorria? Soube-se logo em Setubal qual fôra a sentença do preso, e o dia em que chegaria de passagem para Lisboa. A hora da chegada era facil calcular-a. A gente do povo agglomerou-se no caes á espera do Cabreiro, e n'essa multidão variada e tranquilla predominavam as creanças, especialmente as creanças do bairro de Troino, que as mães continham pela mão, como tacita prohibição ao alegre chalrar e esvoaçar da infancia. Pela respeitosa gravidade da turba era facil prever que um d'esses lanços edificantes, que muitas vezes nobilitam a vida do povo, estava prestes a occorrer. Havia comtudo um ponto, no caes, em torno do qual a multidão mais espessamente se apinhoava, e, se fosse possivel atravessar com a vista aquella cerrada muralha humana, ver-se-ia sentada n'uma cadeira de braços a velhinha octogenaria da praça de S. Bernardo, a cujos pés, tomando-lhe compassivamente as mãos encarquilhadas e amarellecidas, se ajoelhavam algumas mulheres, e cuja cabeça nevada e a espaços estriada de cabellos azulados parecia iriar-se quando um movimento da turba deixava penetrar o sol no grupo venerando. A velhinha ora abria os olhos e os demorava fixamente nas pessoas que encontrava deante de si, parecendo todavia não as conhecer; ora os cerrava, e estremecia, e gemia convulsa, como se visinhasse da morte. Então as mulheres que lhe faziam circulo, com mais doce violencia

lhe comprimiam as mãos, e mais caridosamente a animavam com palavras consoladoras.

— São só tres annos — dizia uma.

— Tres annos passam n'um ai — accrescentava outra.

— Não parece que ainda foi hontem que o meu Jacintho nasceu? — perguntava com piedosa intenção uma rendeira de Troino — Pois foi ha tres annos, pelo cirio da Arrabida!

— É verdade! respondia o côro feminino.

E a velhinha gemia sem parecer dar tento do que lhe diziam em roda.

Certamente não as ouvia. A ser assim, favor providencial era esse. Tres annos para quem tem oitenta! Prometter a felicidade a quem chegou ao cabo da vida! Dizer aos cabellos embranquecidos pela velhice: «Enflorae-vos com a primavera da esperança, suspendei por mais de mil auroras e outras tantas noites a enxada do coveiro e a terra do cemiterio!»

E reconhecendo impossivel a felicidade, e não podendo retroceder os annos andados, restam á velhice as lagrimas da resignação e os moderados gemidos da paciencia.

Abençoado seja Deus!

*

* *

Assim permaneceu o grande grupo no doce recolhimento que infunde a desgraça coroada pelas

cans. De vez em quando, e quasi simultaneamente, todos os olhos se fixavam no Sado, e logo tornavam a concentrar-se na velhinha octogenaria. Assim acontecia sempre que uma voz infantil denunciava a apparição d'algum barco. A multidão, com aquella agudeza de vista peculiar á gente da beira d'agua, olhava-se e retraia-se dizendo:

—É o barco do Casimiro.

Ou:

—É o barco do Encanido.

Ou, finalmente, quaesquer outros barcos de patrões com diversos appellidos e alcunhas, quasi todos terminados em *o*, o que é notavel, tanto mais que nas povoações costeiras do norte predomina nas alcunhas e appellidos a vogal *a*.

Não são estas porém as unicas differenças que caracterisam e distinguem em Portugal as provincias meridionaes das septentrionaes.

Cinco ou seis vezes falseara o annuncio. Até que por um grito agudo, vibrado não se sabe por quem, d'estes gritos espontaneos que nos grandes ajuntamentos soltam as pessoas de mais adivinha sensibilidade—todos os olhos convergiram no Sado e justamente no unico ponto em que era possivel distinguir os barcos distantes.

—É elle! É elle! exclamou a multidão.

N'esse momento a velhinha teve um estremecimento violento, e tão inertemente fechou os olhos,

que parecia em artigos de morte. Entraram de friccionar-lhe os braços, foram buscar-lhe agua, e ao cabo de alguns minutos recobrou alento,—aquelle delicado alento de quem resuscitasse n'um tumulo.

Algumas pessoas aproximaram-se da borda do caes, como se o barco viera perto e podessem, acercando-se da agua, assistir mais desembaraçadamente ao desembarque.

Outras pessoas, menos curiosas ou mais piedosas, não desampararam a cadeira da velhinha.

A pequena distancia do caes, quando já eram visiveis as pessoas que vinham no barco, viu-se aproximar do preso o official de diligencias e demorar-se curvado alguns momentos.

—Parece que lhe está a atar as mãos!—vozeou um rapagão de carapuça, com aquella retumbancia no *r* de *parece* e de *atar* que é propria ao povo setubalense.

Então um grande grito, um grito unisono e profundo, partiu do seio da multidão, e n'esse concerto de vozes doloridas teve parte o coração materno, alanceado pela angustia de ver seu filho degradado á suprema infamia do grilhão.

E com o pestanejar inquieto com que se espera alguma coisa que se aproxima e que nos interessa, continuou a multidão a seguir os movimentos do barco, com a serenidade respeitosa de quem reconhece uma idéa proveitosa detraz d'um facto des-

agradavel. A consciencia popular reconheceu a lei detraz da algema. Por isso nem uma palavra de indignação, de revolta, de alarme. Apenas um grito de compaixão.

Por que algemara o official de diligencias o preso? É facil adivinhar. Vendo tamanha multidão no caes, receiara conflicto e, como medida preventiva, algemara-o.

Em Alcacer havia-lhe pedido a mulher do Cabreiro que não algemassem o marido. Pedira-lh'o com lagrimas. O beleguim annuira, apiedado. Agora, a esposa, e a filha, como se comprehendessem a intenção do official de diligencias, pregaram nas aguas os olhos chorosos, silenciosamente. O preso empallidecera até a lividez do cadaver, e o mestre do barco limpou á manga da jaqueta uma lagrima inesperada.

As duas mulheres, sentadas á prôa, pareciam acompanhar um cadaver.

Atracou o barco, e mãe e filha, como se não tivessem força para mover-se, apenas se levantaram quando o official de diligencias, pondo-se a pé, ordenara o desembarque. Então as duas desgraçadas, sem levantar olhos para a turba, que ellas não podiam ainda ter visto, mas que todavia adivinhavam, sobraçaram as suas trouxinhas e desceram-se do barco. Atraz do cabo da escolta sahiu o preso seguido pelos dois soldados. A pallidez do Cabreiro

continuava a ser terrena; posto parecesse não ter lagrimas nos olhos que rastejavam no caes um olhar apagado.

A multidão silenciosa abrira alas, solemnemente. Mas, quando a escolta se aproximava da cadeira da velhinha, uma mulher, batendo docemente no braço do official de diligencias, pedira com maviosa humildade:

—Deixe o preso beijar a mãe, que é aquella velhinha que ali está.

*

* *

O beleguim relanceou á velhinha um olhar compassivo, cruzou rapidamente os olhos com os soldados, e logo, fazendo um movimento com o braço, entre o preso e a cadeira em que ella estava sentada, tacitamente o authorisou a sahir da escolta.

N'esse momento como que todas as respirações se suspenderam, e todos os olhares se fixaram no logar que por ventura ia ser proscenio d'um grande drama. O preso, algemado, com os braços cahidos quanto a algema lh'o permittia, e os olhos pregados no chão, aproximou-se da cadeira da velhinha, que parecia olhar attentamente para a escolta, com a fixidez d'um cego d'amaurose: sem ver.

A mulher do Cabreiro e a filha empedraram a pequena distancia do grupo, cabisbaixas, chorosas, soluçantes.

No momento em que o Cabreiro pôz o joelho em terra para receber a benção materna, a velhinha, tentando apoiar-se nos braços d'algumas mulheres que ladeavam a cadeira, pareceu recuperar a lucidez da visão e, attentando no filho e na algema que o manietava, lançou-lhe amorosissimamente ambas as mãos á cabeça e exclamou com a mais profunda commoção de que o coração d'uma mulher é capaz:

—Para isto te criei eu, filho das minhas entranhas!

E, dizendo, cahiu de chofre na cadeira, como para não ver, por não querer ou não poder, o espectaculo cruciante.

O Cabreiro passara subitamente da pallidez terrena ao rubor doentio da febre; encarnara-se-lhe o pescoço, e palpitaram desordenadamente as carotidas entumecidas. Insensivelmente levára ambas as mãos ao coração, mas, encontrando a dureza e friura da algema, deixára-as cahir inertes.

Triste companheiro do crime, o grilhão!

Ha tepido conchego no seio amigo que se abre em confortos á resignação.

Mas o seio que recebe a cabeça esvaida da febre do crime, é frio e duro e rouco, porque a sua voz é de ferro.

O Cabreiro tinha ali, bem perto de si o triplice carinho da mãe, da esposa e da filha, o suave e

multiplicado amparo das suas horas de cansaço feliz e honrado.

Bastára um dia, uma hora, um momento de exaltação para interpôr ao homem e á familia, ao operario e ao lar, ao trabalho e á felicidade, á paz e ao descanço uma barreira de ferro.

Outros braços, mas frios, prendiam agora os seus, e, não como os outros, que eram consoladores e ternos, retalhavam-lhe o coração. É que os cem braços do indispensavel Briareu que se chama Lei foram feitos com as serpentes que se enroscaram em Laoconte.

Esse é o castigo.

Que importara ter os braços algemados, se as algemas não ferissem mais o coração de que os pulsos!

Ai do que lhes não sente nem um nem outro effeito! Esse homem deve de haver nascido para lixo das enxovias. Só de rastos lá póde estar. Porque a enxovia fez-se para rehabilitação, e quem já não pode rehabilitar-se tornou-se a podridão em que se pascem os vermes corrosivos.

É um cadaver em decomposição.

Sepulte-se; não se encarcere.

Mas o Cabreiro não havia chegado a essa immundicie dos cemiterios. Era um homem honesto, trabalhador, dedicado, religioso. Tinha o sentimento da honra e da familia. Doia-se de qualquer insulto, avergava ao peso de qualquer contrariedade. Tinha

a delicadeza de injustiça que caracterisa o homem de bem. Bastou porem uma nuvem encarnada para n'um momento lhe roubar a felicidade e a independencia: o vinho.

Bebeu o veneno do crime na taça do prazer.

Mas, como iamos historiando, tingiram-se de sangue as faces do Cabreiro.

Fôra a reacção da alma virtuosa contra a propria degradação a que uma hora de loucura a arrastara.

Tão violenta havia sido a commoção, que roubára as forças physicas ao preso.

Desde esse momento jornadeara difficultosamente. Vinha doente, e doente entrou no Limoeiro, como sabemos.

Durante este solemnissimo lance o soluçar dos espectadores rodeara, como n'um côro lugubre, a familia do Cabreiro.

O official de diligencias lançou a mão ao hombro do preso como para lhe lembrar que era preciso levantar-se e seguir jornada.

O preso obedeceu.

Quando o Cabreiro se levantou, a mulher e a filha instinctivamente se abeiraram da velhinha e a cingiram ternamente como n'um abraço só.

A pobre octogenaria descerrára os olhos, e encarara amorosamente nas duas mulheres, que tentára abraçar, como se a ambas as podesse apertar nos braços.

Depois, procurando encostar ao peito a cabeça da neta, beijou-a na fronte, estendeu a mão esquerda á mulher do Cabreiro, e disse n'um soluçar magoado:

—Seja ella mais feliz que o pae.

E uma das rendeiras de Troino respondeu religiosamente:

—Amen!

Depois, já meio erguida, abraçou-se a neta na decrepita avó, e beijou-a uma vez, duas vezes, o beijar frenetico do amor de familia.

A escolta já ia a alguma distancia. Era moroso e grave o andar do preso. O sol, reluzindo a espaços nas espingardas dos soldados, contrastava em alegria com o morbido e taciturno aspecto do *Cabreiro*.

O povo — especialmente o mulherio e as creanças — havia esperado pelas duas mulheres, empós das quaes seguira silenciosamente, como se comprehendesse que ha dôres que unicamente com o silencio se linimentam.

Atravessar a terra em que se nasceu, em que se folgou a primeira infancia, em que se amou, em que se viveu feliz e honrado, atravessal-a algemado, entre dois soldados, deshonrado, criminoso, tendo-se perdido n'uma hora, n'um momento de colera a liberdade, a familia, o lar, a paz, com a terrivel certeza de só voltar d'ahi a tres annos — tres an-

nos passados n'uma prisão; tres seculos! — e quem sabe! talvez para não voltar nunca! Deixar atraz de si moribunda a adorada mulher que foi nossa mãe, que nos trouxe no seu ventre, que nos alimentou ao seu peito, e que vae ficar sósinha, n'um sotão lobrego, pobre e deshonrada da deshonra do filho! e não poder olhar para o caminho andado, como a familia de Loth, sob pena de encontrar o rasto das proprias lagrimas e das alheias, e ter diante de si o carcere com as suas noites tenebrosas, as suas alampadas bruxoleantes, os seus recantos sombrios, e as suas visões terrificas, a visão da pessoa cujo sangue nos tingiu as mãos, e que nós atiramos ferida para a barra indigente, talvez um operario a quem damnificamos a robustez, a paz de alguns mezes e porventura o pão de alguns dias, ou a vida! O crime tem, como Jano, duas faces: ambas lacrimosas, sombrias, horrendas. N'uma retrata-se a torva consciencia do criminoso, e a desgraça reflexa da sua propria familia; na outra vê-se como n'um lago verde-negro a imagem da sua victima, seguida do triste cortejo de soffrimentos que o *rewolver* ou a faca lhe embutiram no corpo e na alma.

É horroroso!

Entre estes dois quadros, que porfiam horrores, o espirito, na solidão que torna insupportavel a vida, a solidão de quem não tem familia! o que é

mais cruciante ainda, — de quem a não póde ter, tendo-a!

O medonho dilemma de não voltar, e dizer-se aos filhos: *Teu pae morreu na cadeia;* ou de voltar e viver sempre na suspeita de que as pessoas com quem tratamos esquecem todas as paginas boas da nossa vida, para recordarem unicamente aquella pagina — a negra!

Ai! o que uma ligeira allucinação póde fazer de um homem!

*
* *

Quando a escolta, atrás da qual recolhidamente se arrastava, como longa cauda, a compassiva multidão, — passava na montanha de Palmella, sobre cujos alcantis se empina o velho castello dos freires, dominando as planicies do Sado, e quando por detraz dos bastiões começaram a alvejar as casinhas brancas da povoação, o Cabreiro ergueu involuntariamente a cabeça esvaida pela febre e os olhos que rojava amortecidos, e rapidamente roçou com a vista o topo da montanha, onde se desenhavam com uma doce bellesa agreste os contornos da fortaleza monastica e da casaria alvejante.

Nem que conhecesse as pedras e as ervagens do caminho, e que, por as vêr, soubesse que pontualmente n'aquelle sitio da velha estrada de Setubal a Lisboa devia levantar os olhos para vêr Palmella!

Se não foi isso, avisou-o, e é essa decerto a verdade, o coração, cujos olhos são de tão delicado alcance que lhes é dado penetrarem a escuridão das lagrimas. Descendo da montanha o olhar ennublado, voltou-se ligeiramente o preso a procurar a mulher. Encontrou-a, disse-lhe rapidamente com os olhos o que tinha no coração, e tornou a deixar pender a cabeça sobre o corpo que difficilmente arrastava. A mulher comprehendeu-lhe o olhar eloquente, e, sem ter a coragem de procurar o ponto que o marido lhe indicara, abafou em lagrimas. Todos viram, e ninguem comprehendeu. Sem embargo todos podiam entender a expressão d'aquelle olhar, mas é que a dôr pelos outros, por mais que enterneça e profunde, não é como a nossa propria dôr, que tem o condão de aclarar todas as faculdades, de aprimorar todas as delicadezas de organisação. A dôr, quasi sempre acompanhada de febril exaltação, é fogo: gasta mas acrisola. Dos outros vem-nos apenas como reflexo. Em nós referve como o cadinho nas chammas. Por isso os outros viram e não comprehenderam.

Ah! o que esse rapido olhar queria dizer! Que profundeza e que extensão a d'esse breve entre-olharem-se!

Ali, em Palmella, havia ella nascido, vivido e amado. Ali a requestára elle; ali ia vel-a e fallar-lhe todas as noites, em amorosa caminhada desde

Setubal. D'ali descia, dilatado o peito de secreta felicidade, — secreta, pensava elle! a cegueira dos namorados! — e vinha conversando comsigo mesmo as suas felicidades, descuidado, absorto, louco, guiado sómente pelo luar, que de noite estende providencialmente a sua mão luminosa para encarreirar a casa os ebrios e os namorados, que tambem são ebrios, porque o amor é a embriaguez do coração.

Tudo o que era doce ali ficava. E não podia a saudade parar a queixar-se. A lei empurra impiedosamente o crime para o carcere.

Havia vinte e sete annos que fôra isso; tinha elle então vinte. E todavia a visão do passado reproduzira-o com tamanha nitidez ao seu espirito attribulado, que o estava vendo como se o doce poema dos seus amores houvesse acabado ainda na vespera. Lembraram-lhe até muitas phrases de Felismina, sua mulher, phrases que ella lhe havia dito ao dar-lhe uma flor ou ao fazer-lhe uma censura. Recordou involuntariamente dois ou tres episodios de ciume, que injustamente provocára. Um d'elles fôra por causa do José Garrido, que era em 1833 o pintalegrete de Palmella. Mezes depois José Garrido teve uma desordem, na feira de Setubal, com um hespanhol que mostrava um cosmorama, feriu-o accidental mas gravemente, e foi preso. O Cabreiro assistiu a tudo isso com um certo mau prazer, porque o Garrido lhe havia dado, pouco tempo antes,

uma hora de attribulado ciume. Mas n'esse tempo o Cabreiro tinha apenas uma vaga idéa de que o carcere era um castigo, e esse fôra o motivo do prazer secreto com que assistira á desordem; porém não havia ainda pensado, uma hora siquer, miudamente, nas lentas tribulações do carcere, nos grandes horrores desconhecidos que estão detraz das grades da prisão. Agora é que elle os comprehendia, que lhes sabia medir o alcance, que devidamente avaliava o que o pobre rapaz teria soffrido, porque apesar de ser muito dado a aventuras amorosas e a chanças de pintalegrete, o que lhe valeu a alcunha de *Garrido*, estimava muito a mãe, que era viuva e velha, e que tinha por amparo unico o braço do filho. Sentia um fundo arrependimento da haver querido mal ao Garrido, de mais a mais injustamente, porque Felismina era incapaz de uma deslealdade. Se o encontrasse agora ali, abraçal-o-ia, e dir-lhe-ia com sincero arrependimento: «Ó José, perdoa-me, que eu já uma vez me regosijei com a tua desgraça.» Como havia, porem, de encontral o? O Garrido fôra condemnado a prisão. Viera para o Limoeiro, onde durante algum tempo trabalhára pelo officio. Era carpinteiro. Mas um dia recebeu noticia de que a mãe morrera quasi de repente, de fome ou de magua, nunca se averiguou bem, e levantou mão do trabalho, entrou de beberricar, de jogar, chegou a tal devassidão que esfaqueou ou-

tro preso, por uma questão de jogo, e perdeu-se para sempre. Então ia pensando o Cabreiro em como uma pessoa, por mais alegre e ditosa que seja, póde de repente cahir como de uma grande altura, ao abysmo do crime e da desgraça, póde ir dar comsigo á cadeia, em que nunca pensou. Lembrava-se de ter ouvido á tia Michaela, hortaliceira muito popular da praça do Sapal, onde era o mercado antigo, de lhe ter ouvido dizer, quando o José Garrido foi preso: «Coitado! Vae para a cadea. *Todos lá temos uma tabua!*» Phrase profundamente philosophica, que ao mesmo passo exprime a fragilidade humana e a incerteza do futuro.

*

* *

O dia do seu casamento lembrava-lhe como se houvera sido recentemente. Foi ás duas horas da tarde, a um domingo, que se casou. Sahira de Setubal de madrugada, porque não podera dormir toda a noite, com o cuidado que tinha de ver se já era dia. Deixára tudo preparado para receber á noite a noiva. Tudo preparado por elle! Bem arranjado, mas pobrinho. Havia apenas sete mezes que estava estabelecido de marceneiro, e não se tinha ainda desembaraçado de todas as prestações que se obrigara a pagar á viuva do seu antecessor. Fazia tenção de só casar quando tivesse a vida inteiramente livre de encargos, mas entrou com elle

uma pressa namorada, uma ancia de possuir Felismina, que o fez antecipar o casamento. Quando olhava para ella, quando a fitava com toda a soffreguidão amorosa de que era capaz, sentia vehementes desejos de possuil-a de modo, que podesse dizer: És toda minha. Portanto preparou a sua casa para um noivado pobre, pediu Felismina, e fez-se o casamento um anno mais cedo do que o tempo marcado. A casa do pae de Felismina, em Palmella, tinha uma horta, onde o noivo e os convidados almoçaram á sombra de uma larangeira, á volta de cujo tronco corria uma estreita tabua, que servia de mesa. Que alegria, a d'esse almoço nupcial! Que risadas! que frescas malicias! O Cabreiro estava vestido com o seu uniforme de soldado do batalhão nacional de Setubal, de panno côr de castanha. Para que Felismina, a noiva, podesse ficar entre os padrinhos, ficou o noivo entre os paes d'ella, de modo que para a vêr, precisava inclinar a cabeça, para qualquer dos lados do tronco da larangeira. Isto era motivo para grandes risadas. O regedor, já com os olhos sumidos, e poisando a caneca do vinho, não pôde deixar de dizer:

—Ó *Cabreiro,* olha que logo vês a rapariga á tua vontade...

O Cabreiro sentiu um estremecimento nervoso ao ouvir dizer: *á tua vontade.* Felismina quiz deitar os olhos ao chão, mas as risadas rebentaram de

todos os lados mais depressa do que ella quizera; de modo que só lhe foi possivel ficar a olhar para um pequeno pintasilgo que saltitava sobre o muro da horta olhando nervosamente para o alegre ajuntamento, como se quizesse dizer: «Palavra de honra! que se não fosse cá um receiosito de que vocês me fizessem mal... tambem queria ser da festa...»

Depois do almoço, ficaram á sombra. O regedor adormeceu com os cotovellos sobre a mesa. O pae de Felismina tinha dois assumptos: commentava o combate de 22 de julho e contava com uma grande alegria expansiva as grandesas principescas dos freires de Palmella, descendo até a miudezas, por exemplo, de cada um dos freires ter seu gato, e ser cada um dos gatos tão gordo, que pareciam carneiros, tanto comiam e tão boa vida levavam! A mãe de Felismina ordenava o jantar na cosinha. Os noivos, um pouco mais afastados, ora fallavam baixinho, ora olhavam um para o outro e sorriam. As badaladas do relogio do mosteiro visinho cahiam em cheio sobre o recinto da horta. O pai de Felismina interrompia a chronica dos freires e dizia: *São dez horas. São onze horas.* Ao Cabreiro e Felismina parecia que aquellas fortes pancadas do relogio monastico lhes batiam no peito com uma grande impressão de desconsolo. *Ainda dez horas! Só onze!* pensavam ambos em segredo. Quando deu uma hora, o Cabreiro lembrou que era melhor ir-se preparando tudo. O

pai de Felismina disse: *Ainda temos muito tempo*, mas foi chamando o regedor que acordou babádo, com a testa muito vermelha, e que perguntou aturdido que horas eram.—*É uma*, respondeu o noivo. —*Temos que esperar*, replicou o regedor esfregando os olhos, bocejando, estirando por ultimo os braços quasi a toda a largura dos ramos da larangeira e dizendo: *Ai que preguiça!* A preguiça do regedor era a da digestão, da inercia, mas n'aquella calmosa manhã de agosto, havia, á sombra, uma preguiça propria da estação e da hora, que dava um agradavel incommodo ao corpo. Á hora e meia a impaciencia do noivo fez com que fossem indo para a egreja: Felismina adiante, com a mãe e com a madrinha; os homens atraz. As raparigas do sitio tinham ido para a egreja para fazerem cortejo á noiva; mas as velhas esperavam-n'a á porta ou á janella. E diziam: *Benza-te Deus, Felisminha!*—*Em boa hora vás!* Tudo isso dava um dóce constrangimento a Felismina, que tinha de responder, sorrindo, a cada uma d'ellas: *Muito obrigada*. Algumas diziam-lhe: *Anda cá, dá-me um beijo*. Cada beijo parecia espalhar-lhe na face uma onda de rubor. O Cabreiro sentia-se ufano de todas essas provas de estima prodigalisadas á sua noiva, mas, para dizer a verdade, tambem o impacientavam.

Depois do casamento, houve o jantar, um jantar muito demorado, muito conversado, muito alegre.

Ahi pelas quatro horas da tarde, foi o noivo quem primeiro se levantou da mesa. Seguiu-se-lhe a noiva, talvez por combinação feita entre ambos. O regedor, quando a viu levantar-se, disse rindo com a jovial ousadia do vinho: *Eu logo vi.* E os da mesa continuaram a conversar. Tempo depois perguntou-se pelos noivos. Procuraram-se; não appareceram. Tinham ido para Setubal, tinham sahido furtivamente. *A mim não m'a pregaram elles, que eu bem os percebi!* disse, chanceando-se, o regedor. O pae de Felismina disse apenas: *Pois que vão com Deus.* A mãe mostrou-se triste, resentida, e exclamou: *Para isto os cria a gente!* Mas o regedor, olhando para o fundo da caneca, que ia pôr á bocca, consolou-a, replicando: *Por teu homem deixarás pae e mãe. Ah! você queria tel-a sempre debaixo das saias!* E bebeu um longo trago.

* * *

As mães encaram por differente modo dos paes esta ausencia dos filhos. O pae acha muito natural o facto de sahirem de casa para irem constituir familia. Tambem assim fez, e quasi nada lhe custou. Habituado á vida exterior, não sentiu estalarem n'esse momento todos os laços que prendem a mulher ao lar e á familia, que vae deixar. A mãe vê justamente n'essa transição de habitos domesticos, intimos, a face dolorosa do casamento; lembra-se

de que sua filha vai para uma casa onde por muito tempo será extranha; de que uma vez por outra sentirá vagas saudades da sua casa antiga; de que ha de soffrer com a maternidade; de que o marido poderá ter coleras brutaes, grosserias humilhantes, e de que essa alliança é perpetua. A mãe vê o futuro. O pae encara apenas o presente. Ganha o noivo o preciso para viver? Ganha. Pois então, a mulher nasceu para o homem. Casaram; não ha motivo para lagrimas. Quanto ao futuro, o pae tem confiança no seu braço e diz de si para comsigo: «Se ella vier a precisar, eu cá estou, que tenho bons braços para o trabalho.» Ao receio, que lhe possa ser suscitado, ácerca do genio e da indole do noivo, responde tranquillamente: «Ha de ser um homem como os outros.»

Quer dizer: Cada um está no seu logar: A mãe, na sensibilidade. O pae, na coragem.

*

* *

A estrada que de Palmella conduz a Setubal é em muitos pontos orlada de arvoredo. Os noivos iam procurando a sombra, e conversando, rindo. Da banda do mar começava a soprar uma doce aragem refrigerante. A calma diminuia. Encontraram no caminho o *Rubio* de Palmella, que vinha de Setubal, escarranchado no seu burro, e com o seu vinho domingueiro na cabeça. Os noivos chamaram

por elle, ainda a distancia, riram muito, fizeram-lhe assuada. *Elá!* disse o Rubio picando triumphalmente o burro, e abrindo os braços. *Viva! O vinho do casorio é o que sabe melhor! Viva! Viva!*

Pararam a vel-o galopar pela estrada fóra.

O Cabreiro ainda disse: «Ó Rubio, chegando á calçada, leva o burro ás costas...»

Mas o Rubio ia a gritar alegremente em cima do burro. Já não ouviu.

O castello de Palmella lá estava em cima grande, sereno, aguentando impavidamente o sol, que entestava com elle. Felismina viu-o, e não teve saudades. Era justamente n'esse momento que a mãe estava dizendo na horta: *Para isto os cria a gente!*

O Rubio desappareceu n'uma nuvem de pó.

—Já se não vê, disse o Cabreiro. É um desgraçado que bebe ao domingo quanto ganha á semana. Os rapazes não o largam. Vamos indo: vamos.

Quando chegaram perto de Brancannes, Felismina parecia tão affrontada do ardor da sesta, as suas faces haviam-se afogueado tanto de um escarlate humido de suor, que de repente lhe disse o noivo com sobresalto carinhoso:

—Estás agoniada?

—Não; é do sol, é da calma, respondeu a noiva, rindo, limpando as faces com o seu lenço de settas bordadas a retroz, e mostrando, sem intenção, al-

guma coisa do seio rosado e palpitante ao enxugar fortemente o suor á roda do pescoço.

—Não! Isso estás, tornou elle. Vens cançada? Descancemos...

—Não é preciso...

—Olha agora a cortezia!... Descancemos sim... Nem de proposito! Aqui está uma pedra e uma arvore. Sentemo-nos um bocado...

E arrastou meigamente, pela mão, Felismina. Ella deixou-se ir e sentar.

—Ah! não pôde deixar de dizer Felismina ao sentar-se, sentindo um grande prazer, porque em verdade estava fatigadissima.

Habituada desde pequena a palmilhar muita vez aquella estrada, ás mais ardentes horas de sol, não sabia como explicar a si mesma tamanho cansaço. Fatigaram-n'a, —nem ella o sabia! —as commoções d'esse dia festivo e solemne, e, sobretudo, uma extranha sensação que se tornava mais intensa á medida que se aproximavam da cidade.

—Vês! disse carinhosamente o noivo. Vinhas cansada, e não o dizias! Entre homem e mulher deve haver franqueza. —E puxou-a para elle, acariciando-lhe o cabello. —Estás melhor?

—Ah! estou! É que realmente... E que boa sombra esta!

—É verdade! Nem escolhida ao dedo!... Olha os passaros... disse o Cabreiro apontando para

uma arvore fronteira, em cujos ramos doidejavam, chilreando, muitas aves.

— E tantos! Estão alegres porque sentem a fresca.

E Felismina ficou-se a olhar para a arvore com tão formoso semblante, que deslumbrou os olhos do Cabreiro.

Estiveram assim dois minutos, depois elle, olhando, como cheio de medo, para ambos os lados da estrada, deu-lhe um beijo na face.

De novo se avivou o rubor no rosto de Felismina, que sorriu vergonhosa, e baixou os olhos languidos.

O Cabreiro tornou a olhar, como se receiasse ter sido visto por alguem a beijar sua mulher!

Só os passaros tinham visto decerto; mas esses nada diziam. Continuavam a chilrear, a doidejar na frescura da ramaria.

Fôra o primeiro beijo. O Cabreiro era um homem de bem, e não quiz nunca antecipar as regalias que só cabem ao marido, não quiz nunca ensinar a sua mulher que tambem se dão beijos illegaes.

Passados mais cinco minutos, levantaram-se. Dados alguns passos, encontraram um pastorsito que recolhia com as suas cabras.

— Vês tu? disse o Cabreiro. Assim era meu avô, um pastor de cabras.

— Só te ficou o nome de familia, respondeu rindo Felismina. Pena foi que não ficassem tambem as cabras.

—É verdade! applaudiu o Cabreiro. Ainda me lembro de o vêr, já muito velhinho, no paço de Bacalhoa. De pastor passou a criado. Minha mãe tambem não quer deixar de servir os amos de seu pae...

De repente, a noiva sobresaltou-se.

— Que é? perguntou o Cabreiro.

—Sabes que mais? Tenho pena de que tua mãe adoecesse de sezões e não assistisse ao nosso casamento. Parece agoiro!

— Ora adeus, Felismina! Aquillo não vale nada. Verás como por estes dias ella vem por ahi baixo vêr o seu *filho marceneiro*, disse elle rindo, que a pobresinha faz muito gosto de, com as suas poucas posses de criada de lavoira, me ter mandado ensinar um officio.

E chorou.

*

* *

Tudo isto acudira á memoria do Cabreiro com uma nitidez, uma fidelidade horrivel. A rosada e fresca Felismina do dia das bodas, era aquella mulher que ali ia chorosa, calada, desfigurada no lapso de poucos mezes, atravessando os sitios da sua infancia com o marido entre uma escolta, e uma filha de dezenove annos privada de pae por trinta e seis mezes.

Ah! mas na dedicação não fizera differença a po-

bre Felismina! Tinham-lhe dito que ficasse em Setubal com a filha, que tres annos passavam depressa, que viesse de tempos a tempos vêr o marido ao Limoeiro. Não deu ouvidos. Queria vel-o a toda a hora, mostrar-lhe a filha, para o enganar piedosamente, para que elle se esquecesse da cadêa cuidando que estava em casa... Viveria de fazer renda com sua filha, com Rosalinda, uma rapariga forte, morena, que se não tinha a delicadeza do seu nome, possuia uma certa vivacidade graciosa, picante.

O Cabreiro contava com trabalhar alguma coisa, pelo seu officio, na prisão. Mas a mulher rebatia-lhe este intento, dizendo-lhe que nada lhe havia de faltar, que tres annos passavam muito depressa...

Santa dedicação! Queria fazer crêr ao marido aquillo em que ella nunca podera acreditar: que tres annos de carcere passavam muito depressa.

Para occorrer ás despesas do processo, sobretudo para pagar ao advogado, já ella se havia desfeito de uns brincos que trouxera de casa de seu pae. Quando em Alcacer lhe perguntaram se queria defensor para o marido, respondeu immediatamente:

—Ora essa! Se eu o podesse ir defender, eu o poria na rua. Não posso: pago seja o que fôr a quem melhor o defender.

Veio a Setubal, vendeu os brincos a um ourives, foi á praça de S. Bernardo, mostrou na palma da

mão o dinheiro á mãe do marido, e disse com ufania:

— Aqui está para defender o Antonio.

A pobre criada do paço da Bacalhoa moirejou na lavoira emquanto pôde, mas a velhice quebrantou-lhe as forças. O filho foi logo buscal-a para a levar para sua casa. Ella a principio resistiu, dizendo que a deixassem morrer onde seu pae havia morrido; que tinha nascido em Azeitão e que lá queria acabar. Mas o filho e a nora redobraram instancias, e a neta, sobretudo a neta, realisou o milagre. Veio a pobre velha para a casa de Setubal. O filho não estava bem de meios, mas tambem não estava mal. Ia governando a sua vida, apesar do officio render pouco. Lembravam-lhe ás vezes que viesse estabelecer-se em Lisboa, onde podia tirar grandes lucros. Elle respondia com a sua philosophia burguesa: *Quem tudo quer, tudo perde.*

E deixava-se estar.

Era forte, e dedicado ao trabalho. Da segunda-feira até ao sabbado não havia divertimentos para elle. Mas ao domingo gostava da sua funçanata, de ir jantar a Azeitão, a Palmella, a qualquer parte, umas vezes com a familia, outras vezes com algum amigo. D'isto não se tirava. Vicios nunca ninguem lh'os conheceu. Gostava de beber, quando se tratava de festa, mas *tinha a sua conta.* Os outros, quando recolhiam ao domingo, vinham foliando pelo

caminho fóra; elle, de jaqueta ao hombro, vinha quente mas socegado: ria de os ver foliar.

Um dos companheiros do Cabreiro era ás vezes o Ravala, funileiro da rua dos Almocreves. Era filho de um ilhavo, que se casara em Setubal, e que deixou á viuva e ao filho alguma coisa. O rapaz entrou de fadistar pela praia depois da morte do pae e, quando se viu sem cinco reis, teve de lançar mão de um officio, *decente*, dizia elle. Fez-se funileiro, porque outro fadista seu amigo tambem o era. Emquanto foi moço, o Ravala, deu-se principalmente com a gente do norte. Gostava de beber com os ilhavos, que vão muita vez a Setubal, pelo tempo da pesca, e com os marinheiros do Porto, terra que no anno manda muitos navios ás aguas do Sado. Os de Setubal não gostavam d'elle por isso. Ha, diga-se o que disser, perpetua rivalidade entre as provincias septentrionaes e meridionaes de Portugal, principalmente entre a gente maritima. Em 1875 assistimos em Setubal a uma grave desordem entre tres pescadores ilhavos e dois fadistas setubalenses. Tinham-se tomado na taberna. Passaram da palavra ao murro, e do murro á faca. Um dos ilhavos deu quatro facadas n'um dos setubalenses, e já preso, entre dois cabos de policia, dizia em alta voz, com um patriotismo avinhado, na sua pronuncia cantada: «Venceu o norte! Hé! rapazes de Ilhavo, venceu o norte!» Segui-

mol-o, em companhia do administrador do concelho, * até á cadea. Momentos depois apparecia elle ás grades de uma das janellas que dão para a praça do Sapal ou de *Bocage*, e começou a chorar afflictivamente. Os outros dois ilhavos olhavam-n'o de fóra com uma dor petrificada. O preso, ao ver-se entre ferros, chorava talvez menos de desespero que de saudade pela sua pequena povoação, onde mezes depois passavamos e perguntavamos por elle. Ainda estava preso em Setubal. O vinho exaltara-lhe o patriotismo. Um momento de allucinação roubara-o ao mar, ás suas rêdes, á sua pequena povoação, á sua familia, a tudo o que elle mais estimava no mundo.

*
* *

O trabalho modificara um pouco os maus habitos do Ravala, que, não obstante, transpareciam de vez em quando, principalmente quando bebia. O seu vinho era zombeteiro, sobretudo muito *patriotico*. Quando se embriagava, o seu thema predilecto era comparar os costumes do norte com os do sul, e mostrar a superioridade dos primeiros sobre os segundos. Os de Setubal respondiam-lhe com despiques: *Tu és dos que enterraram o Senhor na areia*, e outras phrases que o azedavam. Tudo, porem, acabava em

* Era n'esse tempo o bacharel Manoel Antonio da Costa, nosso estimavel amigo.

rizota, e ao outro dia já o Ravala estava um homem supportavel mesmo quando fallava com um grande amor saudoso da sua provincia e da sua terra.

Um anno, pôde arranjar a sua vida, e ir a Ilhavo. Catita que elle ia! Quando voltou, não veio só. Trasia comsigo uma mulher, uma ilhava, com quem, nos primeiros tempos, disse haver casado. Mas logo se rosnou que não era mulher,—que era amasia. E, ou fosse escrupulo pundonoroso das mulheres de Setubal ou simplesmente *espirito de provincia*, evitavam o mais que podiam *a mulher* do Ravala. Sobretudo, Felismina, não gostava nada d'ella, como tambem não gostava nada d'elle. O Ravala bem o sabia, e, na ausencia, chamava-lhe *o diabo da palmellôa*. Felismina, quando fallava d'elle ao marido, tratava-o sempre pelo *fadista do ilhavo*.

O Cabreiro contrapunha que o tinham modificado muito os annos, e que elle bebia a sua pinga, verdade era, especialmente ao domingo, e que depois entrava a blasonar da sua terra, mais da sua *familia* (o que na accepção do sul quer dizer *conterraneos*) mas que era um bom homem, serviçal, verdadeiro, e injustamente aborrecido por muitas pessoas.

Felismina replicava:

—Pódes prégar o que quizeres. Fóra, que é ilhavo!

O Ravala tinha um filho da mulher que trouxera,

e que era mais novo do que Rosalinda tres annos. O rapaz, que trabalhava com o pae na officina, tinha duas costellas de fadista e uma de ilhavo. O pai reprehendia-o por qualquer tunantada, mas com os amigos, á socapa, gabava o filho:

—É um perfeito rapaz! Aquillo tem dedo! Mulheres e patuscada! Um homem não se quer mosca morta...

O filho do Ravala não era dado a amores serios. Frequentava principalmente as casas de uma rua, que ha em Setubal, onde as mulheres honestas córam de passar. Tocava guitarra, e era insigne no cantar o fado. Mas o funileiro, na sua tola vaidade de pae esturdio, continuava a dizer aos amigos que o rapaz *sabia onde punha o dedo.*

Felismina costumava dizer ao marido:

—Vêr o João Ravala e o diabo, é tudo uma e a mesma coisa. Eu cá nem quero que elle ponha os olhos na rapariga. Tal pae, tal filho.

O Cabreiro respondia:

—O filho ha de socegar como o pae.

Felismina concluia como de costume:

—Fóra, que é ilhavo.

*

* *

Rosalinda tambem não gostava do João Ravala. E porque?

Elle não era feio, bamboleava o corpo com uma

desenvoltura que é picante para as mulheres, sabia tocar guitarra docemente, e tinha o que quer que fosse de perigoso, uma certa fama de extravagante, o que devendo ser uma recommendação apenas para as mulheres deshonestas, tambem o é — ó incongruencia notavel! — para as honestas e puras.

Mas a razão era esta: Rosalinda aspirava a casar, e o João Ravala, pelo caminho que levava, mostrava não ter disposições algumas para marido.

Felismina dizia á filha, a cada passo:

— Uma rapariga que não é rica deve procurar amparo para quando seus paes lhe faltarem. Toma tento, Rosalinda, não percas o tempo com tolices. Olha que o Jacintho Gameiro, que gosta tanto de ti, o Manoel Luiz, e o filho do Severino não são rapazes para engeitar. Muito serios e trabalhadores... Tem cabeça, rapariga.

Rosalinda, não obstante o seu desejo de casar, respondia para dentro de si mesma:

— Ora! Não prestam! Hei de vêr se ainda acho melhor.

Não gostava de nenhum, e todavia o primeiro dos trez gostava visivelmente d'ella. Rosalinda, porem, não o afugentava. Mas procurava, a ver se *ainda achava melhor*, como ella dizia. Para o caso de não achar, convinha ter á mão o Jacintho Gameiro. Esta perfida theoria devia-a em parte aos conselhos da mãe. Em materia de casamento, Rosalinda,

impulsada pelo coração, não queria prescindir do amor, mas, advertida pelas reflexões maternas, não queria prescindir do interesse.

Pobre mães, que tão cegas são ás vezes no seu grande receio pelo futuro das filhas! E Felismina tambem o era. Ordinariamente casaram pobres, são felizes na sua mediania, mas querem a felicidade absoluta, esquecidas de que não a ha na terra! O resultado é quasi sempre este: a mãe redobra de conselhos á medida que o tempo vai passando; a filha, cada vez mais convencida da *necessidade de casar bem,* procura, e não consegue encontrar marido que satisfaça a ambição que lhe inocularam, e que se tornou desmedida.

E essa mulher que podera haver sido uma excellente esposa e uma dedicadissima mãe, veio a dar no typo interesseiro, luxurioso, inutil de uma *solteirona*. Tem um amante rico, um brazileiro ou um barão, idoso, que no verão vae ás Caldas da Rainha ou ás aguas de Vidago, porque padece os achaques proprios de um homem gasto. Esta mulher chega ordinariamente a ter uma gordura sensual, cahida, branca; usa de manhã chambre de rendas; inquieta as senhoras da visinhança porque os maridos, ao passarem para a secretaria, gostam de olhar para ella; vae pouco ao theatro, a não ser quando o amante está nas Caldas ou em Vidago, mas em compensação vae todas as sextas feiras ao

Senhor dos Passos da Graça, com a criada, que é a sua confidente.

As mães tremem geralmente do casamento por amor. Pois é o casamento de Deus. Não aconselhamos todavia que se deixe entregar nossa filha ao primeiro movimento do seu coração, que pode ser muitas vezes um capricho tolo, uma pieguice infantil. Mas quando o amor se santifica pelo esforço de conquistar um futuro honrado, quando o amor se enflora dia a dia com uma nova aspiração honesta, principalmente quando o amor se não esquiva a soffrer as contrariedades da vida para chegar á posse, é um dever premial-o, pode-se affoitamente abrir-lhe a porta do nosso lar, e dizer-lhe: «Mereces-me confiança. Certo é que o sol do estio, ardente, vulcanico, vem a degenerar no pallido sol do outomno, que illumina mas não aquece. Tambem tu has de ser assim. O que era amor ha de tornar-se amisade, mas ditosa a vida que se extingue illuminada pela branda luz d'esse doce sentimento.»

O casamento por interesse é um negocio que se concluiu. Está tudo acabado, quando as flores de larangeira se desfolharam. Como n'uma casa de commercio, só resta d'esse negocio a escripturação do *deve e ha de haver:* o contrato nupcial. Se qualquer dos dois morre, o que subsiste, inteiramente desembaraçado dos laços moraes da saudade, faz

constar que o seu coração pode tomar-se de arrendamento, assim como quando morre um negociante se põe escriptos na loja para annunciar que se trespassa.

Tudo commercial.

*
* *

O João Ravala tinha sempre umas graças afadistadas mesmo para as raparigas serias. Estava habituado ao calão; não podia modificar-se. Na sua educação de considerar a mulher simplesmente como um instrumento de prazer, encarava todas sob esse ponto de vista, e as suas graças eram modeladas, não diremos n'essa intenção, mas n'esse habito.

Algumas vezes, passando casualmente pela porta do Cabreiro, atirava um dichote para a janella.

Por exemplo:

— Ó Rosalinda, pareces a romã, que é um fructo que está a pedir que o descasquem...

A rapariga córava de offendida, e olhava, medrosa, a ver se a mãe teria ouvido.

*
* *

Effectivamente o Jacintho Gameiro gostava muito de Rosalinda. Era um rapazinho serio, filho de um arrematante de pescado, e que por morte do pae havia de herdar os seus vintens. Tinha um temperamento lymphatico, mas amava tanto quanto o seu

temperamento lh'o permittia. Não se lançava no arrebatamento da paixão, mas a sua affeição era persistente. Achava Rosalinda bonita, *queria-a*, mas não a adorava, não a perseguia, não ousava. Ella dava-lhe os sorrisos duvidosos, indefinidos de quem não quer despedir nem acceitar desde logo. Felismina, a mãe, tratava-o attenciosamente, e, se acertavam encontrar-se em alguma romaria, conversava muito com elle. Este facto, quando se dá, é de uma claresa eloquente: quer dizer que a mãe acha conveniente sustentar a esperança d'um homem que a filha ainda se não resolveu a acceitar.

De uma vez, em 1852, havia-se o Cabreiro mettido n'um pequeno negocio de sal. Era pela semana santa. O tempo ia calmoso; havia no ar uma electricidade excitante. O Cabreiro sahiu com a mulher e a filha em sexta feira santa para ver a *procissão do enterro*, que em Setubal se faz á noite. Depois de ter passado a procissão, encontrou o séu socio n'essa pequena especulação commercial. Precisavam de fallar. Para se afastarem do povo foram para o terreiro do convento de Jesus. N'essa occasião encontraram o Jacintho Gameiro. Felismina e Rosalinda sentaram-se nos degraus do cruzeiro, de cada lado do Jacintho. O Cabreiro e o socio ficaram de pé, a pequena distancia. Felismina, no seu interesse pelo marido, dava mais attenção ao que elle dizia do que ao Gameiro e á filha, e houve um momento em que

não pôde resistir á tentação de levantar-se para tomar a palavra. O Jacintho ficou só com a rapariga nos degraus do cruzeiro. Fallavam em banalidades, em que elle, lymphaticamente, intromettia umas vagas expressões de amor. O Cabreiro e a mulher gesticulavam e fallavam com vivacidade, de costas para elles. A lua, rompendo as nuvens, dava no topo do cruzeiro e no angulo do convento. Outro homem menos grave haveria aproveitado a sombra discreta que envolvia a base da cruz para se arriscar ao atrevimento de um beijo. A maior affoutesa a que chegou o Jacintho foi dizer á rapariga:

— Cada vez gosto mais de si, menina Rosalinda!

Ella respondeu com delicado desdem:

— Muito obrigada, sr. Jacintho.

D'esta vez Rosalinda não córou, não ficou sendo a *romã* de que fallava o João Ravala. Fôra um dito que lhe não fizera impressão, e que se perdera com as ultimas notas do *Stabat Mater* que a banda marcial ia tocando a distancia no fecho da procissão.

*

* *

Nos ultimos dias de abril d'esse mesmo anno, estando a conversar o Cabreiro com o Ravala e outros amigos, propoz um d'elles uma patuscada para celebrar a entrada do maio. A ideia foi logo approvada na generalidade. A tradição do maio conserva-se nas terras de alem Tejo muito mais viva do

que nas provincias do norte, onde o mais que se faz, n'esse dia, é enflorar com giestas as janellas e as portas.

Mas no Alemtejo o caso muda muito de figura. Em Sant'Yago de Cacem, por exemplo, localidade em que já passámos esse dia, (como em outro livro deixamos memorado) * a entrada do maio tem o caracter de uma festa publica em que tomam parte nobres e plebeus, velhos e moços, todos. Assim era outr'ora tambem no Algarve, onde se fazia procissionalmente a festa das maias. Mas um anno o maio de Lagos, vendo-se arreiado com quantas joias havia n'aquella cidade, fugiu com ellas, e em memoria d'este logro nunca mais se tornou a fallar no Algarve em maio. Diz-se abril e o *mez que ha de vir*. *Maio* nunca mais se tornou a dizer. No Alemtejo, como não se faz procissão, nem se assoalham joias, e só ha festa geral, muito alegre e muito animada, a tradição das maias subsiste ainda. Alguns dos amigos do Cabreiro eram alemtejanos da gemma — porque os de Setubal consideram-se mais da Extremadura que do Alemtejo — e conservavam por essa tradição o enthusiasmo saudoso com que se afagam todas as recordações da terra natal. Depois de alguma discussão, assentaram-se as bases do programma. Deviam partir de Setubal ao romper

* Portugal de cabelleira.

do dia, Sado acima. A maré, a essa hora, devia ajudal-os. Jantariam largamente em Alcacer do Sal, e com as brizas da tarde, que lhes abrandariam os calores da digestão, desceriam o rio.

Quando o Cabreiro historiou em casa o programma da festa, Felismina, a sogra, e a filha acudíram solicitamente a desvial-o de tomar parte em divertimento que tão arriscado se prefigurava. O Cabreiro arrependeu-se intimamente de ter empenhado a sua palavra, mas teve vergonha de retratar-se francamente, e deixou-se ficar na indecisão a que o povo chama *ver no que param as modas*. Mas o primeiro dia de maio aproximava-se, os do rancho contavam com elle, e o Cabreiro mostrava-se tão reservado na presença dos amigos como na da familia. Não compartia do enthusiasmo dos outros, mas tambem não se negava abertamente a acompanhal-os. O projecto d'essa festa, que a principio tanto sorrira ao seu espirito burguez, começava a amargural-o secretamente.

No dia trinta de abril á noite, as trez mulheres atacaram resolutamente a questão. Elle não devia ir, porque era muito longe; porque havia o perigo do rio; porque o Ravala, que era do rancho, tinha mau vinho e podia promover desordem com os de Alcacer; porque o tempo estava doentio; porque, finalmente, a melhor romaria é a que se faz em casa.

Este conceito, formulado no conhecido proverbio popular, apresentou-o a antiga criada do paço da Bacalhoa com grande applauso da nóra e da neta.

O Cabreiro sentiu-se entrado de affectuosa cobardia, e declarou ás tres mulheres que não acompanharia o rancho. Então Felismina deu um fundo suspiro de desoppressão, e disse que já podia dormir descançada, porque o marido não ia e porque o seu coração agoirava mal d'aquella festa.

—O Ravala, accrescentou ella, tem muito mau vinho.

O Cabreiro veio com a replica costumada:

—Ora porque ha de logo o vinho do Ravala ser peior que o dos outros?!

Felismina carregou o sobr'olho, cuspiu no soalho, e disse com todo o seu desembaraço popular:

—Fóra, que é ilhavo.

*

* *

Havia-se combinado que o Cabreiro pretextaria subita doença para não ir. Ao deitar-se atou um lenço na cabeça para o caso de algum dos companheiros levar a sua insistencia até ao ponto de querer vel-o. Ao romper da madrugada, o Cabreiro e a mulher sentiram vozear na rua, depois a cadencia de uma guitarra, e por ultimo distinguiram as vozes. Eram elles. Entraram os da festa de chamar ruidosamente:

—Ó Cabreiro! Ó Cabreiro! A pé, que são horas! Está o barco prompto!

Felismina estremeceu.

—Mau soldado que não está prompto para o fogo! tornou uma voz aguardentada.

Era a do Ravala pae. O coração de Felismina enluctou-se.

—Avia-te, homem! tornaram os de fora.

Felismina disse ao marido, vestindo-se á pressa:

—Eu vou fallar-lhes.

E correu a abrir a janella.

—Está doente! disse ella de cima, fingindo voz de afflicção. Deu-lhe uma coisa.

—O que? perguntaram alguns.

Outros disseram:

—Qual doença nem meia doença! O ar ha de fazer-lhe bem. Que saia cá para fora, senão vamos buscal-o pelas orelhas...

N'isto o Cabreiro, com o proposito de confirmar o que a mulher dissera, mostrando-se de cabeça atada, saltára rapidamente da cama, e apparecera á janella, por traz de Felismina.

Uns disseram:

—Que diabo é isso?

Outros exclamaram:

—Anda d'ahi! Isso não é nada!

A voz aspera e zombeteira do Ravala gritou:

—Veste as saias e anda d'ahi.

O epigramma era pungente, e de mais a mais o Cabreiro, ouvindo-os vozear, começára a sentir a vaga effervescencia de alegria que nas pessoas nervosas se traduz ordinariamente por fortes contracções cerebraes.

Felismina estava sobre brazas. O seu regalo seria poder atirar sobre a cabeça do Ravala uma cadeira, aquillo que primeiro encontrasse.

O Cabreiro arrancou subitamente o lenço da cabeça. Saudou-o uma exclamação de applauso. Felismina ainda lhe deitou as mãos ao braço direito, e disse com dolorosa surpresa: «Ó homem! que vaes fazer!» Mas o Cabreiro estava enthusiasmado, não a ouviu, e disse para baixo: «Eu ahi vou, rapazes!»

Principiou a vestir-se á pressa. Felismina empedrára, com a mão esquerda poisada na borda de uma mesa. Entretanto no grupo fallava-se a meia voz. Dentro ouvia-se fallar mas não se percebia o que diziam. Estava-se commentando o caso. «Aquillo era a mulher!» lembrava o Ravala. «Só faz o que ella quer» accrescentava outro. Até que uma voz disse alto: «Toque lá a guitarra.» E outra voz alvitrou: «Venha o fado da Severa.»

A guitarra suspirou na doce melancolia do *fado*. O João Ravala começou a cantar n'uma cadencia dolente:

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno,
Que a Severa falleceu.

O Cabreiro havia-se vestido. Procurava o dinheiro. Felismina assistia authomatica. No quarto pegado, a filha estava-se levantando. Uma voz supplantou o murmurio da guitarra, gritando:

—Então ainda não estás apparamentado?

E o Cabreiro respondeu: «Ahi vou».

E para dentro:

—Adeus, mulher. Até á noite.

Sahiu.

Na rua vozearam de chacota e alegria.

Felismina, que vira entrar a filha, abraçara-se n'ella a chorar.

*

* *

Foram ambas ter-se com a velha que estava na cama. Ella tinha ouvido tudo. Mãe e filha choravam lastimosamente. Sonhavam com toda a casta de perigos, o barco afundar-se-ia, nunca mais tornariam a ver o pae e o marido, seria uma desgraça irremediavel. Mas, ao passo que a primeira impressão ia calmando, a velha consolava-as combatendo a supposição de estarem todas as desgraças reservadas para aquelle dia.

—Tambem não é caso para tanto! dissera por ultimo com a sua voz authorisada, n'um tom de reprehensão amorosa.

A dor afrouxou nos olhos, mas ficou no coração. Mãe e filha passaram toda a manhã dando grandes suspiros pela casa. A velha rezava devotamente nas suas contas de vidro amarello.

* * *

O barco chegára a Alcacer depois das dez horas da manhã. Vento de feição, que nem encommendado. Manhã soberba. Grande alegria em todos os do rancho. Ora vozeavam virados contra o vento atroando as solidões do Sado, ora se disputavam alegremente a botija da genebra para lhe *darem um beijo* ou para *quebrar o jejum*, diziam elles. O Ravala filho, sentado á pôpa, afinava a guitarra. Alguns propunham que se désse um assalto matutino á *trincadeira*, porque o ar do rio lhes havia espertado o apetite. Outros contrariavam o alvitre, dizendo que bulir no farnel era alterar o programma. Alcacer, segundo esses, é que devia ser o campo de batalha. Fizeram arbitro o patrão do barco, que ia governando a escôta, e que sentenciou sorrindo, com uns grandes ares de importancia: «Que antes de se avistar o inimigo, se não devia bulir nas munições». Como se vê, a rhetorica popular estava em plena

florescencia, regada por uns orvalhos matinaes de genebra de Hollanda.

Chegados a Alcacer, propunham uns que se fôsse jantar, outros alvitravam que se désse primeiro um passeio. Em todo o caso, estabeleceram quartel general na hospedaria do caes. Mandaram conduzir os açafates. Abriram as janellas. Vozeavam em grupos alegremente. Coincidencia notavel! defronte ficava a cadea da villa. Dois presos olhavam para elles, um pouco afastados da grade, de modo que lhes não desse o sol, para vèrem melhor.

—Quanto dariam aquelles ratões para virem jantar comnosco! disse um dos do rancho.

—Manda-os convidar, accrescentou o Ravala pae volteando n'um pé só, ao pé da janella.

—Ó Cabreiro, vae tu lá... gracejou outro, vendo que o Cabreiro estava a olhar para elles.

—Não vás que podes lá ficar... zombeteou o Ravala.

Riram todos.

No largo haviam-se juntado alguns rapasitos, amarellos da pallidez das sezões, attraidos pelo rumor das risadas. Com as mãos nos bolsos, e a bocca aberta, olhavam para as janellas.

Entretanto, alguem do rancho fizera a traição de ir dando ordens. A dona da casa, mulher de meia idade, e uma criada, rapariga de dezoito annos e de uma bellesa triste, punham a mesa. Vendo a ra-

pariga, acharam-n'a bonita, começaram a piscar os olhos uns aos outros, e a olhar para ella com a sonsa denguice de velhos em liberdade. Só o Ravala filho, como se quizesse supplantar os velhotes, olhava para ella com a sua petulancia de faia, encostado á ombreira d'uma janella, as pernas em cruz. A rapariga baixava o olhar, pondo a loiça sobre a mesa.

— Como se chama a menina? perguntou o João Ravala desencruzando as pernas para as sobrepôr de novo.

O Ravala pae olhava para o filho com um ar de risonho orgulho.

A rapariga fez-se encarnada e não respondeu. A dona da casa disse:

— Silvina.

E acrescentou:

— É engeitada.

O Cabreiro estremeceu. Lembrou-se involuntariamente da filha. Deviam ser ambas da mesma idade. Sentiu compaixão por essa pobre rapariga desprotegida e, relanceando um olhar do Ravala pae ao Ravala filho, teve assomos de indignação, e pensou no que Felismina dizia d'elles. Se podesse, voltaria n'aquelle momento para Setubal.

Todos se haviam calado, menos o João Ravala, que replicou:

— Pois não ha de faltar quem queira tomar conta d'ella...

E como Silvina passasse por deante d'elle, para dispôr dois talheres, o Ravala deu-lhe um piparote no hombro direito.

O Cabreiro viu lagrimas nos olhos da rapariga, e disse com severidade:

—Deixe a rapariga, João.

O Ravala chacoteou:

—Ora!

E voltando-se para o Cabreiro:

—Deixe estar que lhe não tiro a vez, seu velhote... Ora o ginja!

—O jantar! o jantar! exclamaram duas ou tres vozes vendo entrar a dona da casa com uma terrina que vaporava espessamente, e relusia resuando pelo bojo.

—Quem mandou? perguntou outra voz.

—*É* cá não digo, respondeu sorrindo commercialmente a dona da casa.

E pousando a terrina:

—Candeia que vae adeante é que melhor allumia.

O Ravala pae, deixando-se cahir pesadamente na cadeira, accrescentou:

—Barriga lá o tendes... Vamos a isto, rapazes!

*

* *

Abancaram em derredor da mesa, como se fossem todos da mesma opinião e do mesmo apetite.

Os mesmos que, momentos antes, propunham um passeio, foram dos primeiros a sentar-se. A hospedaria, que estava prevenida, forneceu uma sopa e algumas coisas mais. Durante alguns segundos, apenas se ouviu o sorver rumoroso e soffrego dos convivas, inclinados sobre os pratos da sopa.

— Que diabo! exclamara o Ravala limpando grosseiramente o bigode á ponta da toalha, e deixando cahir a colhér no prato. Que diabo! Nem que fossemos frades! Ninguem abre o bico!

E, como ninguem respondesse, continuou elle, lançando a mão a uma das enormes garrafas de crystal branco, e enchendo o copo, onde o vinho cahia em borbotões:

— Pois vou eu abril-o.

E levou o copo á bocca. Bebeu um pequeno golle, estallejou com a lingua, e disse:

— Bem bom!

Depois despejou o copo de um trago.

Entretanto os outros acabavam de comer a sôpa, limpavam a bocca, e Silvina, a engeitada, retirava os pratos com uma encantadora humildade natural, como se estivera servindo a um banquete de principes.

O João Ravala, quando ella lhe tirou o prato, beliscou-a no braço, e olhou d'esconso para o Cabreiro, que não fez reparo. Silvina mostrou-se insensivel á impressão desagradavel do beliscão, e passou adeante com a mesma modestia de porte.

A dona da casa voltava com uma das peças do farnel sobre uma ampla travessa de pó de pedra.

O Cabreiro acabára de comer a sôpa, e olhava distraidamente para uma estampa de S. José com o seu bordão florido de açucenas e o Menino ao collo, que pendia superiormente á alcova, cujas portas eram de vidro, empannadas com estreitas cortinas de chita vermelha.

O Ravala encarregou-se voluntariamente das funcções de trinchante, e começara a abrir uma enorme gallinha cosida, que, com o seu alto peito amarello voltado para o ar, parecia querer fugir por vezes aos golpes da faca. Mas o Ravala continuava obstinadamente na dissecção, e ia lançando grossas fatias para um prato, que passou ao visinho, e correu depois de mão em mão.

Começou-se a ouvir o mastigar estridulo, que nas pessoas ordinarias denuncia o exforço dos dentes caninos para desfibrar as carnes duras, e alguns fragmentos de gallinha, espetados no garfo, ficavam ainda presos aos dentes por uma ligeira pellicula amarella, mosqueada dos pequenos signaes das pennas.

Ninguem fallava. Era extraordinario que um jantar de festa popular começasse tão mal agourado por um silencio,—permittam-me a expressão—espesso, que nem siquer deixava prever a garrulice peculiar ás fartas libações!

Todavia todos iam comendo e bebendo, e alguns descançavam ás vezes, como se os affrontára mais o calor do que a comida.

Ah! o calor de Alcacer, já em maio! Um calor abafadiço, doentio, africano! um sol que parece asphyxiar como as baforadas de um grande forno e que cae sobre nós atravez de frequentes enxames de mosquitos!

Um cão, de pello amarello, muito magro, com os ossos salientes, entrava na sala, e farejava migalhas debaixo da mesa, passando por entre as pernas dos convivas.

Silvina, a engeitada, esperava que a chamassem, á porta da sala, apoiando com a mão direita o cotovello esquerdo, e pousando sobre a mão esquerda a face pallida.

Principiavam a avermelhar-se luzidiamente as caras, só os Ravalas pae e filho empallideciam á medida que emborcavam grandes copos de vinho, denunciando n'essa pallidez o habito de beberem largamente.

O vinho extranha os estomagos que não estão habituados a elle, e, como preso que é, quer fugir para o rosto; mas, em havendo já assentado throno no estomago, parece lá chamar todo o sangue para lhe fazer cortejo, como um rei que não quer estar só.

O Cabreiro havia chegado quasi á *sua conta*, e

deixava, dizia elle, apenas reservado um escaninho, cuja capacidade indicava mostrando dois dedos, para uma gotta de moscatel, que um dos do rancho lhe disséra em confidencia haver levado.

Então começava-se a fallar, a fallar tumultuosamente, sem idéas, e o João Ravala accendeu o cigarro e foi buscar a guitarra. O Ravala pae aquecia extraordinariamente, e começou de berrar:

— Ó Escanido! ó Escanido! sobe cá e traz a *polvora*.

A *polvora* eram duas garrafas de vinho do Porto, que elle havia comprado em Setubal por um quartinho, e que dera a guardar ao mestre do barco, para que lh'as entregasse em occasião opportuna.

Ao mesmo tempo que o mestre do barco entrava com a *polvora*, chegava a dona da casa com um grande açafate de laranjas.

*

* *

O Ravala pae dizia deitando vinho do Porto nos copos:

— Ora lambam-lhe os beiços, seus borrachões, tão tolos que tendo cá uma gota de moscatel, que não é má, a deixam ir para o bucho dos alfacinhas ou para o papo dos inglezes, que a levam com a laranja! Vendeis tudo, meus borrachões d'uma figa!

— Dá cá, meu asno, respondeu um de mais palreiro vinho, dá cá, e não digas asneiras. Nós cá

vendemos o que temos. Os da tua terra andam ao pilha por toda a parte, e até o peixe nos roubam, os pulhas!

—Pulhas os do sul, que vem fazer uma pandiga, e não trazem um decilitro *do fino*... disse do lado o João Ravala, levantando a cabeça de sobre a guitarra em que, todo curvado, ia dedilhando os *fados*.

—Ora cale-se lá o chichisbeo do pequeno! apostrophou o que tinha levado o moscatel.

E foi dentro á alcova buscar a garrafa.

—Uma por junto! chasqueou o Ravala.

Um côro de gargalhadas applaudiu o chasco.

O Cabreiro havia bebido o vinho do Porto, mas, como estava com a tenção feita para o moscatel, não lhe resistiu. De sorte que o escaninho, que lhe tinha reservado, extravasou. Então o vozear era cada vez mais tumultuoso, e o cão ladrava, a espaços, doloridamente, porque já lhe davam pontapés debaixo da mesa.

—Rapariga, dizia um dos do rancho para a engeitada, tira-me d'aqui este prato, e vae deitar isso aos cevados...

Era um prato cheio de cascas de laranja...

—Rapariga, gritava outro, arranja um *phophro*.

Só o Cabreiro dissera:

—Ó menina, faça favor de fechar as portas d'aquella janella, que me dá o sol nos olhos...

O Cabreiro, tendo ultrapassado a *sua conta*, prin-

cipiava a sentir-se aturdido com a mistura dos vinhos.

—Está bebado! gritara o Ravala pae.

—*Ó menina!* o velho tonto! chasqueara com certo asedume o João Ravala. Pentea-se p'ra rapariga! o faneca!

E, levantando-se, colheu a rapariga entre os braços, e começou a dar-lhe beijos no pescoço, porque ella lhe fugia com a cabeça, gritando, luctando.

Muitos riam a bandeiras despregadas, o Ravala pae batia as palmas, e o cão ladrava no meio d'aquelle enorme barulho.

A dona da casa ouvia na loja os gritos da rapariga, e, ditando ao homem as parcellas da despeza, interrompera-se para dizer indifferentemente:

— Lá está a rapariga a ser toureada como o costume.

E proseguiu:

—*Sópa, doze vintens.*

O João Ravala havia introduzido uma das mãos pelo seio da rapariga, e ella, gritando afflictissimamente, deixara-se cahir ao chão, debruçando-se, e podera lançar a mão á jaqueta do Cabreiro, dizendo com maviosa angustia:

—Acuda-me! acuda-me!

O Cabreiro deitara as mãos aos braços do João Ravala e dissera com authoridade:

— Ó João, deixe a rapariga, que é engeitada.

O Ravala pae berrára dando um murro sobre a mesa:

— Cal'-te lá! Olha agora a *virge mártele!* O rapaz tem dedo para mulheres...

— Mas se é engeitada! gritou com impaciencia o Cabreiro, relanceando um olhar de colera, que não era proprio da sua indole.

O João Ravala, curvado para a rapariga, revolvia-lhe o seio com a mão, e dizia com entono afadistado:

— E o mais, rapariga, e o mais...

Então o Cabreiro repelliu-o violentamente com a mão, e elle foi bater contra a porta da janella. Procurando firmar-se, o João Ravala lançou-se sobre a mesa, pegou n'uma faca, e ia a cair sobre o Cabreiro, que pegou n'outra, e recuou.

N'isto o Ravala pae quiz saltar sobre o Cabreiro; prenderam-n'o, ao passo que outros seguravam no filho.

No Cabreiro ninguem agarrava, porque ninguem certamente lhe receiava bravezas que não estavam no seu caracter.

O tumulto era immenso. As cadeiras cahiam, e o cão ladrava, ora a um ora a outro, com o focinho no ar, entre os grupos. O dono da casa havia subido, e entrava a tempo de ouvir dizer ao João Ravala: «*Ah! tu armas-te! Pois vamos a isso!*» e de o ver arremetter contra o Cabreiro, de faca em punho, arrastando os que o seguravam.

A faca ia cahir sobre o peito do Cabriero, quando elle a desviou com a sua, que se enterrou no peito do João Ravala, por baixo da clavicula esquerda.

O dono da casa apitou, o Ravala pae ia saltar sobre o Cabreiro, quando o estalajadeiro o segurou violentamente pelas costas; e o Ravala filho cambaleou nos braços que o seguravam, porque uma vertigem lhe toldara a vista. Subitamente começavam a apparecer-lhe nodoas de sangue na camisa e no collete.

Entrava gente na sala, gente que estava a comer na loja, outra que já estava debaixo das janellas a ouvir o barulho. Alguns rapazes tambem. Um d'elles bebia no meio da confusão um copo de moscatel que tinha ficado intacto.

O Cabreiro com a faca na mão direita, e o braço cahido, olhava para tudo com um pasmo idiota, como se realmente nada houvera sido com elle. Entrava um cabo de policia, e perguntava onde estava *o que deu*. Os rapazes diziam: *É aquelle, é aquelle,* e apontavam para o Cabreiro. A dona da casa, com as mãos na cinta, olhava para as mulheres que tinham entrado, e dizia: *Corja de bebados! A desacreditarem a minha casa!*

Então o João Ravala forcejava outra vez por arrancar-se aos braços que o seguravam, o Ravala pae sahia da sala a empurrões d'alguns homens, principalmente do dono da casa, e o Cabreiro, como

se houvera despertado de um sonho horrivel, encarava de repente a profundesa da sua desgraça, e, levantando a faca, exclamou como louco:

—Por causa d'este diabo me perdi!

E chorando de desespero, allucinado, cahiu violentamente sobre o João Ravala, e feriu-o no hombro direito.

*

* *

Momentos depois entrava o Cabreiro na cadea de Alcacer do Sal, e os dois presos que lá estavam, em vez de lhe perguntarem como havia sido a desordem, interrogavam com curiosidade:

—Bom jantar, eim?

—O que vocês traziam de farnel!

—Até nos chegava cá o cheiro!

O Cabreiro não respondia. Chorava, a um canto, com a cara escondida entre as mãos. Do lado de fóra das grades, havia ajuntamento de povo, especialmente mulheres, e diziam:

—É o Cabreiro de Setubal!

—E é um homem muito de bem...

—Uma nodoa cae em bom panno!

—Por bem fazer mal haver!

—Bem sei, é o *home* da Felismina de Palmella.

—Como ella ha de ficar quando o souber!...

N'isto atravessava a praça a engeitada, Silvina,

que espontaneamente ia levar ao preso os seus lençoes e o seu travesseiro.

Era o unico premio que ella podia offerecer á protecção que lhe dispensára o Cabreiro.

Depois que anoiteceu, um dos presos foi buscar a sua guitarra a uma caixa de pinho, e, a uma luz mortiça, principiou a cantar:

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno,
Que a Severa falleceu.

O Cabreiro, a um canto da prisão, ouvia chorando, e lembrava-se de que ao romper d'esse mesmo dia o João Ravala cantara aquelle *fado*, defronte da sua casa, emquanto elle se vestia...

*

* *

A noite d'esse dia foi uma noite de horror em Setubal. Felismina e Rosalinda, que tinham ido de tarde para a praia, com presaga impaciencia, esperar o barco, começaram a dar rebate por toda a villa * á medida que descia a noite, e o barco não chegava.

—Ainda é cedo!

—Vem pelo luar.

* Só em 1860 foi elevada á cathegoria de cidade.

— Quando fôr dez horas estão cá.

— Aconteceria alguma coisa?

— Que havia de acontecer!

— Isto houve desgraça...

— Qual desgraça! Em vinho ninguem se afoga...

Deram nove horas, deram dez, e não chegaram. Então as mulheres gritavam e, na exaltação da sua dor, já davam como certo que o barco se tinha afundado ou que o Ravala fizera desordem; que se haviam tomado com os de Alcacer; que estavam todos na cadea.

Ás onze horas da noite, a mulher do Cabreiro, não podendo já conter a sua dolorosa anciedade, disse a um patrão de barco:

— Ó Casimiro, queres ir levar-me a Alcacer, mais á rapariga? Olha que não perdes nada, que eu tenho lá uns brincos que chegam para comprar-te o barco...

— É cá por ir vou...

E observaram do lado:

— É tolice!

— Vaes encontral-os no caminho!

Felismina insistira resolutamente:

— Ó Casimiro, desamarra, e avia-te. Salta p'ra cá, Rosalinda...

Duas mulheres disseram:

— Eu tambem vou...

— Eu vou comtigo, ó Felismina.

— Pois vinde.

E outras, rindo, philosopharam do lado:

— *É* cá não vou. Para levar uma carga de pau!

— Ainda por cima!

— Tó carocha!

O Sado estava esplendido, envolto n'uma especie de gase luminosa, muito saliente sobre os areaes de Troia, onde vagamente se percebiam os contornos denticulados dos escombros de Cetobriga.

O barco largou no meio de um grande silencio, apenas quebrado pelo chofrar compassado de quatro remos, e afastou-se lentamente atravez do luar, como uma pequena sombra fugitiva.

No caes ainda se fallou por algum tempo, depois as mulheres, para se pouparem a uma *carga de pau*, foram para casa, e adormeceram.

Só ao outro dia de tarde se soube em Setubal o que tinha acontecido em Alcacer.

*

* *

O Cabreiro, julgado nas audiencias geraes, em novembro, fôra removido, em julho seguinte, para a cadea do Limoeiro, como fica dito.

O seu julgamento attrahiu muita gente ao tribunal de Alcacer. Todos lamentavam a desgraça do honrado operario que, por defender uma boa causa, se infelicitara a si e á sua familia. Mas a lei não transige com essas branduras de sentimento, com

essas delicadesas de coração. O Cabreiro, tendo ferido obrigado pela necessidade de legitima defesa, ficava sob a égide dos artigos 14 e 377 do *Codigo Penal,* mas a reincidencia do delicto, e o facto de resultar ao João Ravala incapacidade de trabalhar por mais de vinte dias, porque as feridas foram profundas e tolhiam-lhe o movimento de ambos os braços, tornaram-n'o incurso na penalidade do artigo 361, com as attenuantes de embriaguez, provocação e bom comportamento anterior, que lhe reduziram a pena de prisão maior com trabalho a trez annos de prisão unicamente.

Se a Lei se deixasse mover pelas lagrimas que as mulheres choravam no tribunal de Alcacer, incluindo Silvina, a engeitada, se a Lei podesse descer da sua cadeira, encimada pela Justiça, para ser piedosa e compassiva, só iriam ao carcere os que matam por prazer, as feras que nasceram com forma humana, os monstros que de vez em quando assombram o mundo.

A lei é a medicina social, e a sua missão deve ser principalmente curar os que uma vez prevaricaram, e que teem de voltar á sociedade. Os incuraveis, as feras, lança-os a lei para os desertos de Africa, onde vivem os leões, e deixa-os lá agonisar, sem familia e sem patria, nas solidões selvagens.

Mas ao que uma vez prevaricou é preciso encarreiral-o ao antigo caminho da honra, e dizer-lhe:

«Que a lição té aproveite. Deves ficar sabendo que ha um terrivel, um invencivel inimigo das más companhias, do vinho, do jogo, do roubo, da navalha, do homicidio, é o Codigo Penal».

*

* *

Recolhido á enfermaria de Santo Antonio, os padecimentos do Cabreiro aggravaram-se dia a dia.

O facultativo das cadeas disse que elle soffria de uma lesão de coração.

As commoções por que atravessara anteciparam consideravelmente o desenvolvimento da molestia.

Passava dias inteiros na cama; outros conseguia levantar-se e vir encostar-se ás grades.

A mulher e a filha estavam defronte, sentadas á porta de uma casa, onde haviam alugado um quarto, e ali estavam fazendo renda, para não morrerem de fome. Tudo venderam em Setubal, só restava a pequena e pobre mobilia da mãe do Cabreiro, a quem a Caridade amparara durante mez e meio que lhe restara de vida na casa da praça de S. Bernardo.

Felismina e Rosalinda occultaram cuidadosamente esta triste noticia ao preso, por conselho do facultativo da cadea.

Elle perguntava ás vezes pela mãe, com os olhos razos de lagrimas:

—Lá vae indo, diziam ellas.

Calava-se, mas de si para si desconfiava que á pobre velhinha haveriam faltado de todo as escassas forças da velhice para arrostar com a solidão e com as angustias que solitaria curtia.

Transcorridos quatro mezes na morosidade de quem todos os dias assiste a um triste espectaculo, um preso que estava n'um quarto, condoido da desgraça d'aquellas duas mulheres que todos os dias via sentadas ali, como um cão que espera o dono, proporcionou a Felismina occasião de a gratificar incumbindo-a de alguns recados, que liberalmente pagava. O preso era um jornalista de ha vinte annos, cujo nome escuso de recordar, e que todos os dias mandava um artigo de fundo, por Felismina, para a redacção do jornal que o sustentava no Limoeiro. Rosalinda ficava só. A pouco e pouco fora-se familiarisando com a linguagem desbragada do mulherio que rodeia os carceres. Todas as mulheres com quem convivia, zombavam da honra, que nunca conheceram, ou que haviam deitado fóra como quem se desfaz de um objecto inutil. Ella sabia que ellas iam muita vez á cadeia saciar os prazeres ardentes dos presos, e o seu temperamento irritavel phantasiava delicias que a realidade ainda lhe não havia proporcionado.

Um dia, em que o pae estivera mais incommodado, e emquanto a mãe fôra levar o artigo do jornalista preso, o cabo da guarda principiára a

dirigir-lhe a palavra, e a dizer-lhe, não umas ingenuidades como o Jacintho Gameiro, que lhe não faziam impressão nenhuma, mas umas ousadias que lhe punham em vibração o systema nervoso, e involuntariamente lhe faziam lembrar o que as mulheres, que ali estavam, iam fazer ao Limoeiro, e que ella não sabia bem o que era...

Passados dias, o cabo tornou a apparecer e a fallar-lhe, no mesmo tom, com uma insistencia agradavelmente impertinente, e pediu-lhe que o deixasse entrar em sua casa.

A mãe costumava demorar-se cerca de uma hora, o pae não estava á janella, Rosalinda annuiu.

Passados sete mezes, o Cabreiro viera um dia ás grades, a despeito das recommendações do facultativo, que insistentemente lhe prohibia, nos ultimos tempos, o levantar-se.

Felismina havia contado ao medico a desgraça da filha, e tratava-se de poupar ao preso um desgosto que o podia matar instantaneamente.

No momento em que o Cabreiro se encostava ás reixas da janella, Rosalinda sahia de casa para vir sentar-se á porta.

O Cabreiro viu a filha, e cahiu para dentro, soltando um grito dilacerante.

Acudiu o enfermeiro, deitaram-n'o no catre; sete dias depois era cadaver.

Só a morte o pôde arrebatar ás torturas resul-

tantes da desgraça que bebera com o vinho na hospedaria de Alcacer do Sal, no dia em que a mistura das bebidas lhe fizera ultrapassar a *sua conta* e lhe armara o braço com a faca das tabernas.

A sua conta! Insensato! Quando a gente está apenas uma linha distante do perigo, como pode defender-se de a transpôr um dia inadvertidamente?

Folheando os *Livros das entradas* do Limoeiro encontrei o nome de João Ravala, que ali entrou mezes depois da morte do Cabreiro, por haver sido condemnado a degredo pelo crime de homicidio. Ali esperou a sua hora de partir para Africa. Depois de algumas averiguações pude saber em Setubal que o João Ravala, caminhando na escala ascendente dos vicios, convidara um fadista, que no coração d'uma rameira lhe levava vantagem, para irem beber uma garrafa, um domingo de tarde, ás areias de Troia, e que o esfaqueara lá. Preso o João Ravala, confessou o crime, e historiou-o com este laconismo: «Eu andava com sede ao *Robalo*. Chegados a Troia no barco d'elle, principiei a ver se o azedava. Palavra puxa palavra, não é assim, é assado, achei motivo para lhe dar cabo da pelle. Enterrei-o na areia, como os de cá dizem que os da terra de meu pae fizeram a Christo. Aqui está como foi, sr. juiz.»

O padre Vicente Salgado, escrevendo umas *Conjecturas sobre uma medalha de bronze* encontrada no logar de Troia, defronte de Setubal, diz, com

referencia ás medalhas ali achadas: «nem tambem nos persuadimos por bons motivos, que os nossos eruditos sepultassem na Troia este fingimento para um dia ser incentivo de curiosidade.» Ora o João Ravala é que não sepultou o seu rival com o proposito de que passados annos algum archeologo lhe recolhesse a ossada reputando-a de phenicio ou romano. Enterrou-o para esconder o proprio crime, mas não lhe valeu a astucia. De modo que erradamente escreveu frei Antonio da Piedade no *Espelho de penitentes:* «...e já se pode dizer que sómente é campo onde foi Troia...» Depois de escripto isto, ainda tornou a ser Troia aquelle areal. Ali um Páris fadista matou á traição um Achilles tão vulneravel em todo o corpo como o outro o era no calcanhar.

Assim foi que a justiça de Deus se não fizera esperar muito.

*

* *

No decurso de vinte e quatro annos, que de vidas desditosas não vae a morte golphando para a sepultura?

Felismina, a formosa, a escarlate noiva de Palmella, acabou sobre uma enxerga do hospital de S. José.

Que felicidade não seria a sua, se ella podesse sentir o contacto do lençol mortuario!

O filho de Rosalinda teve um destino incerto, e

a mãe estava, annos depois, sentada á porta de uma casa do Bairro Alto, cantando, fumando, fallando para os homens que passavam, aninhada entre a fôfa abundancia das suas saias engommadas, uma das quaes era de baetilha vermelha.

Um dia, uma tarde de verão, passou por ali o Jacintho Gameiro que, tendo sido recrutado, viera a Lisboa apresentar-se á inspecção militar. Rosalinda viu-o, e voltou a cara. O Jacintho deu dois passos, como se quizesse poupal-a á vergonha de fallar-lhe, mas, obedecendo a uma força invencivel, parou, e surprehendeu-a a olhar para elle.

—Menina Rosalinda, disse o Jacintho, já me não conhece?

Menina Rosalinda! Era a primeira vez, havia muito tempo, que lhe davam aquelle tratamento. Estava habituada a tratarem-n'a por *tu*. A sua commoção foi tamanha, que escondeu o rosto entre as mãos para não deixar ver as lagrimas. Eram as primeiras que chorava deante de um homem. O seu officio obrigava-a a rir-se na presença d'elles.

O Jacintho Gameiro disse-lhe com voz entrecortada:

—Não chore. São fados...

E foi andando vagarosamente, muito vagarosamente, como se fosse a contar as pedras da rua...

Voltou á esquina, esteve escondido algum tempo, e depois poz-se a espreitar.

Passados dez minutos, vinha pela rua acima um soldado, que parou a fallar com Rosalinda, e entrou para casa d'ella. Rosalinda, olhando na direcção que o Jacintho tomara, fechou a porta.

Hoje, com quarenta e quatro annos, deve de ser creada de uma d'essas mulheres a cuja classe pertenceu, e esperar, com as faces cheias de escoriações e cicatrizes, a sua hora de ir, sem as lagrimas de ninguem, para uma valla dos Prazeres, se já lá não está ha muito tempo, depois de haver agonisado, comida de herpes, sobre a mesma enxerga em que sua mãe expirou...

Tudo isto fez **O vinho.**

FIM

ERRATA IMPORTANTE

A pag. 21 onde se lê: *a delicadesa de injustiça*, deve ler-se: *a delicadesa de sensibilidade.*

PQ
9261
P46V52

Pimentel, Alberto
O vinho

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 01 002 1